



#cm

2

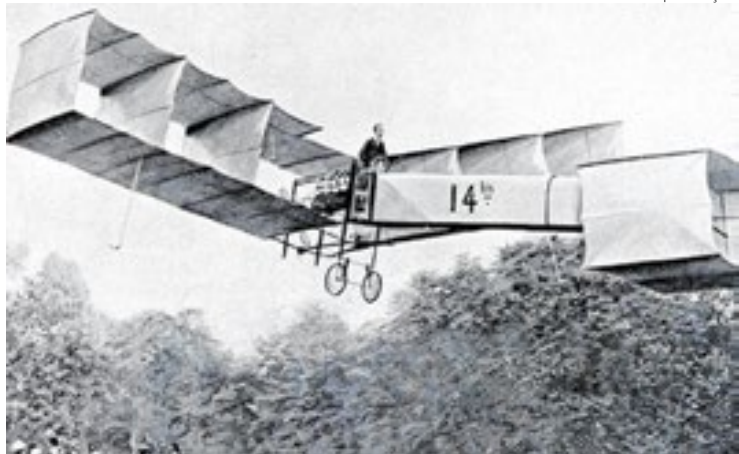
TERÇA-FEIRA

Jorge Daux/Divulgação

Sete anos depois de “Matriz”, a cantora e compositora baiana chega ao sexto álbum de inéditas. **São 13 faixas compostas em menos de dois meses, entre o violão do quarto e o estúdio dela.** Turnê de lançamento estreou no fim de semana em **São Paulo com casa cheia e ingressos esgotados para os próximos shows — Belo Horizonte, Porto Alegre e Vitória.** Página 3

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS



Reprodução

Imagem do voo do 14 Bis, pilotado por Santos Dumont

Santos Dumont: uma ópera no ar

Para comemorar os 120 anos do primeiro voo de Santos Dumont, o violonista, compositor e pesquisador Cyro Delvizio estreia uma montagem que combina ópera, teatro e elementos visuais. Em cena, o tenor João Campelo interpreta Santos Dumont acompanhado por um conjunto instrumental formado por clarinete, violoncelo, acordeão, vibrafone/percus-

sões e violão. A cenografia modular transforma um único elemento inspirado nas invenções do próprio aviator em diferentes momentos de sua trajetória: uma escrivaninha se converte em balão, dirigível e, finalmente, no icônico 14-bis. Sexta (23) e sábado (24), às 20h, na Sala de Câmara da Cidade das Artes (Av. das Américas 5300, Barra da Tijuca). Entre R\$ 30 e 80.

Savall segue firme

Aos 85 anos, o músico barcelonense Jordi Savall está preparando com parceiros franceses uma plataforma digital de selos independentes de música clássica, world music, música antiga e jazz. Espera combater o que chama de grave problema causado pelo Spotify, que, segundo ele, destruiu a criatividade dos músicos. “Por que não há forma de se recuperar dividendos mínimos para se continuar trabalhando.” Savall também lamenta uma apatia cultural no continente: “O maior bem da Europa ainda é a cultura”

Lírica infantil

Mãos à Ópera: montagem com dinâmicas interativas onde a criança é a protagonista do espetáculo. Participação dos Pequenos Mozart. Sábado (24), às 15 horas, no Theatro Municipal. Ingressos a R\$ 50.

Eu recomendo

O álbum “Francisco Mário no Acordeom” pelas mãos de Marcelo Caldi. Irmão de Henfil e de Betinho, o compositor e violonista mineiro (1948–1988) ganhou o registro de dez de suas canções. Beleza pura!

OSB na telinha do Youtube

A Série Músicos da OSB leva seu naipe de madeiras para a Sala Cecília Meireles neste sábado (24) às 17h, e domingo (25) às 11h. No repertório, obras de Debussy, Villa-Lobos, Ernani Aguiar, Malcolm Arnold, Jacques Ibert e Carl Reinecke. O concerto de sábado será transmitido pelo Youtube. Ingressos a partir de R\$ 20.



Cicero Rodrigues/Divulgação



Divulgação

Letrux e Arthur Braganti selecionaram repertório especial com canções de álbuns marcantes da cantora e releituras

Letrux e Arthur Braganti seguem com ‘Terças Tremendas’

Terceira apresentação da série reúne canções da cantora, releituras de Caetano e Bethânia e convidados

Letrux e Arthur Braganti voltam ao Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa nesta terça-feira (20) para a terceira noite da série “Terças Tremendas”. Criada para o projeto Terças no Ipanema, a temporada ocupa as terças-feiras de outubro com um formato que aproxima show, teatro e material ainda em processo. Nesta edição, a convidada é Navalha Kárrera, produtora, musicista, guitarrista e coprodutora de “Noite de Climão” e “Letrux aos Prantos”. O encontro parte de uma parce-

ria de mais de duas décadas. Braganti acompanha a artista em diferentes momentos de sua trajetória e divide com ela uma linguagem de palco em que canção, interpretação e comentário cênico não aparecem como compartimentos separados. A série foi montada para explorar justamente esse espaço: um concerto que pode mudar de forma de uma semana para outra, abrindo margem para escolhas de repertório, textos e participações. As canções dos álbuns “Noite de Climão”, “Letrux aos Prantos”, “Letrux Como Mulher Girafa” e “Sad-

SexySillySongs” organizam a base do roteiro. São discos que consolidaram a persona autoral de Letrux, marcada por letras em que humor, frustração, desejo e exposição convivem sem a obrigação de uma confissão literal. No Teatro Ipanema, esse repertório se encontra com músicas de Caetano Veloso e Maria Bethânia e com trilhas de filmes escolhidas pela dupla. O projeto também incorpora trechos de uma peça ainda não encenada, canções próprias e outras referências.

SERVIÇO
LETRUX E ATRHUR BRAGANTI - TERÇAS TREMENDAS
Teatro Municipal Ipanema
Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824)
20/10, às 20h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ R\$ 50 (meia)

Entre histórias e canções

Markinhos Moura leva show ‘Confissões ao palco do Rival Petrobras nesta terça

O cantor e ator Markinhos Moura apresenta “Confissões” nesta terça-feira (20), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. Conhecido por “Meu Mel”, sucesso de 1986, o artista alterna canções, histórias pessoais e textos que revelam passagens de mais de quatro décadas de carreira. A ideia do espetáculo surgiu das conversas que ele mantinha com a plateia e ganhou forma du-



Divulgação

Markinhos Moura

rante uma turnê em Teresina. “Era justamente essa necessidade de eu me mostrar mais como ator no palco”, afirma. No repertório, sucessos próprios e referências como Elis Regina, Milton Nascimento, Gonzaguinha, Luiz Gonzaga, Dalva de Oliveira e Ney Matogrosso. (A. N.)

SERVIÇO
MARKINHOS MOURA - CONFISSÕES
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia)
20/10, às 19h30. A partir de R\$ 50

Com gosto de primeiro disco



Sexto álbum de inéditas de Pitty nasce de demos pré-produzidas em seu estúdio

AFFONSO NUNES

Pitty lançou na sexta-feira (16) álbum homônimo, seu sexto disco de inéditas, pela gravadora Deck, nas plataformas digitais e também em CD e vinil. São 13 faixas que chegam sete anos depois de “Matriz” (2019). “Sinto que estou fazendo o meu primeiro disco, essa é a minha sensação”, define a cantora sobre o processo de criação. “As coisas vêm na hora em que precisam vir. Depois de sete anos, surgiu um jeito novo de criar e eu me permiti seguir esse movimento sem tentar controlar o que estava acontecendo”, detalha.

O álbum nasceu depois de um período de pausa, escuta e reorganização. Uma inspiração que ela própria diz não ter racionalizado trouxe as ideias, e Pitty voltou a compor sozinha com o violão, como fazia no quarto da casa em Salvador nos primeiros anos. “Eu ainda não estava pensando em fazer um álbum. Mas veio um troço, a caneta começou a fritar, a caneta ferveu, e eu fui deixando. Me abri totalmente para aquilo que estava acontecendo. Esse disco se fez e se impôs. Eu fui tomada por ele.”

Desta vez, porém, o processo avançou além das letras e das melodias. Em seu próprio estúdio, experimentou arranjos, criou riffs e pré-produziu demos. Em menos de dois meses, todas as músicas do disco estavam compostas.

O destinatário das demos também tem história. Em 2002, foi o produtor Rafael Ramos — que a conheceu em 1998, no circuito de bandas em que tocava, como o Inkoma — quem pediu à baiana uma fita K7 com suas composições em voz e violão. Daquela fita saiu “Admirável Chip Novo”, disco de estreia produzido por Ramos e vendido em mais de 350 mil cópias. A parceria atravessou “Anacrônico” e boa parte



Pitty conta que o álbum nasceu depois de um período de pausa, escuta e reorganização

“Depois de sete anos, surgiu um jeito novo de criar e eu me permiti seguir esse movimento sem tentar controlar o que estava acontecendo”

“Muito dessa produção vem dela apresentar uma ideia completa. Não tivemos que passar por nenhuma reformulação, porque realmente, a demo era uma coisa perfeita, já empolgava”

da discografia seguinte.

O material de agora, pontua o produtor, chegou com outro grau de acabamento. “Quando ela fez as demos, as ideias estavam meio que prontas. O riff estava lá, a batida estava lá, a forma que o refrão crescia, até as quebradas de bateria. Então, muito dessa produção vem dela apresentar uma ideia completa. Não tivemos que passar por nenhuma reformulação, porque realmente, a demo era uma coisa perfeita, já empolgava”, conta Ramos, que assina a produção do álbum ao lado de Pitty.

A abertura do álbum, “Sobremesa”, primeiro single do projeto, lançado em setembro, une um riff de guitarra marcante a um refrão de forte apelo melódico. “Armadura” explora a possibilidade de um rock também dançante e incorpora uma referência a Clarice Lispector. “Desobediente” combina referências melódicas de diferentes tradições musicais com uma batida de hip-hop e o peso do rock, e tem produção de Nave ao lado de Pitty e Ramos. Felipe Vassão assina a coprodução de “Sobriedade Seletiva” e “Pileque de Poeta”, duas faixas que aproximam as guitarras da pista de dança — dimensão de movimento que “Não à Deriva” também persegue. “Caminhada” trata de parceria e sororidade. “É sobre meu braço no seu quando o corpo vacila, é ser o teu eco na frente da mesma fila”, canta ela. “Amiga”, incorpora novas camadas de percussão e “Álbum de Casamento” dialoga com o blues. O repertório se completa com “Madame”, “Prazer”, “Universo”, “Cuidada” e “Nó”.

Mais de duas décadas depois de surgir como uma das vozes que transformaram o rock brasileiro, Pitty segue com a inquietação de quem ainda quer criar, experimentar e se mover, testar novas possibilidades.

E o álbum já saiu do estúdio para os palcos: a turnê estreou no sábado (17), no Espaço Unimed, em São Paulo, com ingressos esgotados, um dia depois do lançamento. Belo Horizonte, Porto Alegre e Vitória também já esgotaram. Ao todo, são dez apresentações em cidades diferentes até dezembro: o show passa ainda por Curitiba (PR), Recife (PE), Ribeirão Preto (SP), Sorocaba (SP), Balneário Camboriú (SC) e Leopoldina (MG), com últimos ingressos à venda. Novas datas e cidades serão anunciadas em breve.

PITTY

RAFAEL RAMOS

ENTREVISTA | PRISCILA MIRANDA DO ROSÁRIO

DISTRIBUIDORA E PRODUTORA

‘Como vamos formar o público de amanhã se não começarmos pelas crianças de hoje?’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Com golaços em seu currículo de distribuição como a aquisição de “Pacifiction” (2022) e de “Juventude” (2015), Priscila Miranda do Rosário, empresária e multiartista egressa da Penha, leva para a 50ª Mostra de São Paulo uma animação que transpira latinidade, numa ponte do México com a Bahia (e o RJ): “A Marca Do Jaguar - O Despertar Do Fogo”, de Victor Mayorga. Tem sessões dele marcadas no Circuito SP Cine nesta quinta, quando o longa será exibido às 18h, no Itaú Cultural. Ela ainda se ocupa da passagem de “Hunter’s Moon”, de Ridham Janve, nesta terça-feira, às 19h20, no Espaço Petrobras 3.

Empenhada hoje em viabilizar um longa de ficção do crítico e documentarista Mario Abbade e em fazer uma transmissão do aclamado “Fanon” na TV Globo, em novembro, Priscila fala ao Correio da Manhã sobre o futuro de sua empresa, a Fênix, por raia animadas.

Qual é o espaço para a animação na sua carteira de filmes e qual é o papel que “A Marca do Jaguar” exerce no seu processo de coproduções?

Priscila Miranda do Rosário - A animação sempre foi uma linguagem que me interessou muito. Já no primeiro ano da empresa, tivemos “Pinóquio”, de Enzo D’Alò, que infelizmente não conseguimos lançar. Depois vieram outros, como “Nayola”, “Adam Muda Lentamente” e “A Pequena Frida”, para a qual estamos pensando numa estratégia de lançamento que contemple uma data competitiva durante as férias escolares. Mas esse interesse foi se transformando em algo maior. Estamos preparando o Duque Duque, selo dedicado ao público infantojuvenil, um projeto no qual trabalhamos há três anos.

Ele nasce de que motivações?

São duas. A primeira é a nossa relação com a Origem Content, produtora baiana com quem já trabalhamos em “Meu Tio José” e, agora, em “A Marca do Jaguar – O Despertar do Fogo”. É uma parceria criativa que vem se consolidando e envolve outros projetos, já em desenvolvimento. “A Marca do Jaguar” representa um salto importante na escala de produção e no orçamento dos projetos de animação com os quais trabalhamos. A segunda motivação, talvez a mais importante, é a formação de público. A Fênix sempre teve esse compromisso no

seu DNA. Trabalhamos com um cinema autoral, com obras que muitas vezes não encontram espaço nos circuitos tradicionais. Mas como vamos formar o público de amanhã se não começarmos pelas crianças de hoje? Precisamos oferecer aos filhos dos espectadores que acompanham nossos filmes um conteúdo que tenha o mesmo cuidado artístico, a mesma qualidade e a mesma inteligência. Não podemos esperar que alguém se torne um espectador de cinema autoral na vida adulta se não ajudarmos a construir essa relação desde a infância.

Como o Duque Duque se impõe paara fazer diferença nesse seu ímpeto formativo?

Ele não é simplesmente um selo de aquisição de filmes infantis. Eu comecei a estudar profundamente o que é produzir e distribuir conteúdo para crianças e adolescentes. Busquei orientação de psicólogos e venho contando com a assessoria de uma empresa francesa muito respeitada no campo da animação e do conteúdo infantojuvenil. Queria compreender de fato esse universo, as diferentes etapas do desenvolvimento infantil e como podemos estabelecer uma relação responsável e criativa com esse público. Quanto ao filme “A Marca do Jaguar”, ele também representa algo inseparável da história da Fênix: a vocação internacional e latino-americana da empresa. Antes de existir a Fênix, existia a Tucumán. E a Tucumán nasceu justamente do desejo de



Divulgação

“Não sou uma administradora que decidiu investir em cinema. Sou uma artista com uma enorme vontade de mudar o mundo, que encontrou na distribuição uma maneira concreta de agir”

o mundo, que encontrou na distribuição uma maneira concreta de agir. E continuo sendo aquela menina da Penha que queria ter acesso às coisas e não conseguia.

Onde entra a Índia na sua carreira?

Sou uma das criadoras do Global South News, um espaço para refletir a construção de novas relações culturais, políticas e econômicas entre os países do Sul Global. Há três anos, comecei a participar de um mercado audiovisual na Índia, e esses encontros foram criando relações que, aos poucos, se transformaram em parcerias concretas. Uma delas é com o cineasta indiano Ridham Janve e o produtor Kartikeya Singh. A Fênix distribui no Brasil “Hunter’s Moon”, segundo longa-metragem de Ridham, que participa agora da Mostra de São Paulo. Estamos também coproduzindo seu terceiro longa, “The Portuguese Man O’ War”, em parceria com Kartikeya Singh e Arfi Lamba. Outra relação fundamental é com o empreendedor indiano Rajesh Inderkumar Joshi, fundador da Top Gun Venture Studio e da Top Gun Entertainment, com mais de 25 anos de experiência em mídia, inovação e desenvolvimento de negócios. Foi dessa parceria que nasceu o Global South Film Festival (GSFF), cuja primeira edição está prevista para 2027, na Índia.

aproximar o cinema latino-americano do público brasileiro. Cresci ouvindo falar dessa separação entre duas Américas, uma de língua portuguesa e outra de língua espanhola, que compartilham tantas histórias, mas que pouco se comunicam culturalmente. Minha entrada no cinema foi por esse caminho.

Como a sua incursão profissional se deu?

Em 2009, organizei, no CCBB, a mostra “Do Novo ao Novo Cinema Argentino”. Portanto, essa aproximação com a América Latina não é uma estratégia recente de mercado. É parte da minha formação, da minha trajetória e da razão pela qual comecei a trabalhar com cinema. Eu vejo o cinema como uma linguagem universal. E as coproduções são uma extensão natural desse pensamento. “A Marca do Jaguar”, dirigido por Victor Mayorga e realizado numa parceria entre Brasil e México, ma-

terializa justamente esse desejo de construir pontes e fazer com que nossas histórias circulem entre nós e depois pelo mundo.

Que novos veios hoje se apresentam na sua carreira?

Hoje, além de distribuir filmes, estamos produzindo e coproduzindo projetos internacionais. E estou retomando minha própria produção artística. Escrevi minha primeira peça de teatro, “A Mulher que Matou o Anticristo”, que chegou a ter uma leitura dramática, com a participação de atrizes como Fernanda D’umbr e Dâmaris Grün. Também escrevi um livro infantil, “Zizi e Mimi em Busca da Terra Sagrada”, e estou desenvolvendo projetos autorais de documentário e ficção, em parceria com outros profissionais. Não sou uma administradora que decidiu investir em cinema. Sou uma artista com uma enorme vontade de mudar



Divulgação

Narrativa anfíbia de ficção, documentário, jogral e aula de História da Arte marca a volta de Ana Carolina às telas

Pinceladas de excelência



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Aberta no último dia 14, com o congratamento da cinefilia brasileira com o bamba indie dos EUA James Gray e seu “Tigre de Papel” (“Paper Ti-

ger”), a 50ª Mostra de São Paulo tem já uma obra-prima para chamar de sua... e ela se passa no Rio, embora flerte com a Pauliceia da Semana de Arte Moderna de 1922, com Recife, com Lisboa e com um tempo de afirmação das artes plásticas e visuais do país: “Di Cavalcanti”.

A autoria pertence à maior cineasta viva (em atividade) da América Latina nas telas: Ana Carolina (Teixeira Soares). Quatro anos atrás, ela deixou o Festival de Roterdã de queixo caído com “Paixões Recorrentes”. Agora é a vez de mobilizar as

Ana Carolina, pilar da força feminina no cinema latino, dá à mostra paulistana sua 1ª obra-prima desta edição: o experimento ‘Di Cavalcanti’

plateias de sua São Paulo natal com um filme híbrido, que tem um quarto de documentário, outro quarto de ficção, com um quadrante de recital jogresco e outro de aula de História da Arte. Júlio Adrião é a força da natureza que amarra isso tudo. Há mais duas sessões do longa na Mostra: nesta quarta-feira (21), às 22h20, no Reserva Cultural – Sala 2, e no dia 26, às 16h, no Cinesystem Belas Artes Frei Caneca 5.

Em tempos tóxicos, Ana Carolina faz da palavra um corpo filmico e convoca Emiliano Di Cavalcanti (1897-1976), um dos pilares do Modernismo brasileiro, para um embate sobre identidade, liberdade e democracia. O pintor, ilustrador, caricaturista e militante comunista que ajudou a conceber a Semana de 1922 construiu uma iconografia nacional com mulheres, trabalhadores, sambistas e personagens populares. Longe da reverência de museu, apoiado na luz do fotógrafo Luís

Abramo, a cineasta transforma esse legado numa provocação política de rara insolência, em que a criação artística se mistura à poesia, à performance e à disputa pelos rumos do país.

No enredo, um sujeito falido, radicado na Zona Sul, gravita pelos bairros cariocas, entre divagações, papos, paqueras (com uma amada de outrora, vivida por Tuna Dwuck), chopinhos e consultas a um relojero exótico (papel que Luiz Octávio Moraes devora), sempre falando do amigo famoso de seu tio. O tal amigo é Di.

Fazendo da fala um ariete, Adrião empresta ao filme sua presença vulcânica para encarnar uma figura em permanente combustão, entre o transe empolado dos parnasianos e a molecagem modernista. A picardia da atriz Tuna Dwuck ajuda a compor essa experiência anfíbia, que dialoga diretamente com “Gregório de Mattos” (2003), outro experimento em modo jogral de Ana Carolina, no qual a língua também se converte em arena. Há, ainda, uma conexão saborosa com a história do próprio Correio da Manhã: Di Cavalcanti trabalhou no jornal como ilustrador antes de ser demitido, episódio que aproxima a trajetória do artista da relação entre imprensa, política e representação pública.

De “Mar de Rosas” (1978) a “Das Tripas Coração” (1982), passando pelo colossal “Paixões Recorrentes”, Ana Carolina fez da ironia uma ferramenta para confrontar as convenções sociais e a intolerância. Em “Di Cavalcanti”, percorre as ruas cariocas com a esperança ébria dos trovadores, como quem se recusa a aceitar a polarização e a pasmeira ideológica como destinos nacionais. A cineasta transforma a memória de um artista em matéria viva, reafirmando que imaginar um país livre também é um ato de criação.

DICAS DE TERÇA

POR **RODRIGO FONSECA**



Divulgação

PRINCESA BURRO, de Joaquín Cocina e Cristóbal León (Chile): Qual uma boa história da Carochinha, esta fábula geopolítica fala de Diana, aristocrata de um antigo reino. Seu pai, o Rei Arthur, proíbe o amor. Quando Diana se apaixona por Lalo, ele o expulsa do reino. Usando uma pulseira mágica, Diana viaja por outros mundos em busca de seu amado. Ao descobrir que o pai manipula suas decisões, ela precisa enfrentar seus medos e mudar o próprio destino. Onde e quando: Reserva Cultural, 13h;



Divulgação

SOMOS ALIENÍGENAS (“We Are Aliens”), de Kohei Kadowaki (Japão e França): Sensação animada da Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes, exibida ainda na competição oficial do Festival de Annecy, o Oscar da animação. Na trama, uma confusão aparentemente banal afeta para sempre a vida de um menino. Tudo parte de uma pergunta capiciosa que ele começa a fazer a si mesmo: “E se eu dissesse que sou de outro planeta?”. Onde e quando: Reserva Cultural 1, 15h.



Divulgação

O SENTIDO DA VIDA (“Soudain”), de Ryusuke Hamaguchi (Japão e França): Virginie Efira e Tao Okamoto dividiram o prêmio de Melhor Atriz em Cannes por este ensaio multicultural sobre solidariedade. Na trama, Marie-Lou Fontaine, diretora de uma casa de repouso, desafia as convenções ao adotar o método “Humanidade”, apesar da resistência de sua equipe. Seu encontro com Mari Morisaki, uma dramaturga japonesa em estado terminal, muda a sua vida. Onde e quando: Cinesystem Frei Caneca 1, às 17h30.

LINHAS DE FUGA

por ERIK DE CASTRO*



Imagem criada com o GPT Image 2

Antes de cineasta, sou fã de cinema

Assim como Tarantino, que recentemente mandou ver em suas “Especulações Cinematográficas”, sem papas na língua - como o Mestre bem em seu livro ensinou - especulo um pouco por aqui, eu também: o cinema não raro andou fraco, sem graça e sem ritmo, perdendo as ideias, moroso e sacal... Mesmo chato de ver!

Mas num momento, num flash, de magia e prazer como só ele pode, é capaz, ressurge, reafirma-se... Majestoso impõe-se, com força e poder, em filmes potentes.

“Epic: Elvis In Concert”, “Song Sung Blue”, “Benzinho”, “Bo-lero”, “Os Soldados Secretos De Benghazi”, “Zona De Risco”, “Tesla”, “Maurício De Souza”... “Nuremberg”... “O Esquema Fe-nício”... “A Estrada 47”... “Fé Corrompida”... “A Morte De Robin Hood”... “A Vida De Chuck”... mexeram comigo. Impuseram-se a mim, causaram-me reflexão, cumprindo função que o Cine-ma tem que ter, não única, mas principal...

“Atingir emoção.” deu a dica o Clint Eastwood. Conhecem? Definiu a missão, de quem privilegia-se em fazer.

O cinema na sala, seu templo sagrado, é para todos - para o alto e além: em coração nos unimos, em ritual coletivo, pela tela de prata!

Onde só o que importa é o choro e o riso, a lágrima, o ar-repio, arrebatados que somos na mensagem que vem, como flecha certa:

“A maior recompensa que o artista pode ter, é que inter-pretem como quiser e façam a crítica que quiser...” - já disse um outro, nesse caso, Maquiavel.

Esse tempo, por um tempo, se foi... Queriam pensamen-to em uníssono, em distopia almejada... Mas com equilíbrio e bom senso, todo ciclo se encerra:

E que a arte de todos, venha reinar para sempre...

Diversidade também verdadeira, verdadeira liberdade! De se expressar como quer, de pensar e querer, emoções provo-car... Sou do tempo do “Rocky”, do “Guerra nas Estrelas” e dos “Intocáveis”, quando intocáveis eram heróis... E não questioná-veis.

O que se faz concluir, que o mundo andou chato... Chato, e sem coração... Não só o cinema. Mas, como tudo que passa, isso também vai passando, e viveremos quiçá, uma nova al-vorada. Tarantino já disse: “Os ciclos se encerram e o política-mente correto, que a Tudo chateia, tem prazo, tem fim...”.

O cinema é reflexo de um Mundo louco, insano: de mo-mentos e eras, espelho ele é, rolando na esteira, de azos estran-hos...

Mas o cinema em si, é experiência pessoal, subjetiva isso sim! O que gosta um, o outro não gosta. O bom pra você, pra mim já não é!

Opinião é diversão. Pluralidade de verdade. Não sejamos, então, jamais todos um só! Pois diferentes nós somos, e nisso únicos e unidos, em posicionamentos distintos que nos fazem crescer, em debate de nível como dantes já foi...

Voltemos, então, a ser... A ser e sentir.

Do fundo da alma, como a criança que fomos, iluminados seremos pela luz e magia - do cinema e da vida - que nova-mente virá, certamente virá.

*Cineasta



Alile Dara Onawale/Divulgação

Fernanda Torres em cena de ‘Ainda Estou Aqui’, principal obra do pacote de produções Globo no acordo com a gigante do streaming

Uma parceria de impacto global

Globo e Netflix fecham acordo inédito de licenciamento para exibição de 18 produções brasileiras no Brasil e no exterior

AFFONSO NUNES

Em um movimen-to histórico para a indústria do audio-visual brasileiro, a Globo e a Netflix anunciaram o fe-chamento do maior acordo de licenciamento de conteúdo já realizado entre as duas empre-sas até o momento. A partir de dezembro, um total de 18 obras originais da Globo passará a in-tegrar o catálogo do serviço de streaming. As produções serão disponibilizadas com dublagem e legendas em múltiplos idio-mas, englobando 14 filmes, três novelas e uma série com licenças distribuídas para diferentes terri-tórios globais.

Entre as produções cinema-tográficas incluídas no pacote, o principal destaque é o longa-metragem “Ainda Estou Aqui”,

dirigido por Walter Salles e ven-cedor do Oscar de Melhor Filme Internacional em 2025, que terá licença de exibição na plataforma restrita ao Brasil. Outra obra de relevância é o filme “Vitória”, de Andrucha Waddington e prota-gonizado por Fernanda Monte-negro, que contará com distribui-ção global pela Netflix.

A teledramaturgia brasileira também terá espaço central na parceria. A novela “Caminho das Índias”, criada por Glória Perez, dirigida por Marcos Schechtman e vencedora do Emmy Interna-cional de Melhor Telenovela em 2009, estará disponível para os assinantes da plataforma nos Es-tados Unidos e na América La-tina, com exceção do Brasil. Já no formato de séries, o acordo contempla sete temporadas do programa de comédia “Vai Que Cola”, criado por Leandro Soares e dirigido por João Fonseca e Re-gis Faria, com veiculação exclusi-va para o público brasileiro.

O calendário de lançamentos dos títulos no catálogo da Netflix estenderá suas estreias até meados de 2027, reforçando a potên-cia do conteúdo nacional para entre-ter diferentes audiências globais. Sobre a aliança estratégica, Eli-sabetta Zenatti, vice-presidente de Conteúdo da Netflix Brasil, declarou: “Estamos felizes por poder levar a excelência da Glo-

bo a audiências do mundo todo. Desejamos que este acordo seja apenas o primeiro passo de uma longa parceria entre duas empre-sas que compartilham a ambição, o primor criativo e o compromi-so de levar a cultura brasileira ainda mais longe”, destacou.

Complementando a visão sobre o projeto, Pedro Garcia, diretor de Direitos da Globo, afir-mou: “Para nós, é um orgulho ver o interesse pela produção brasilei-ra crescer em diferentes mercados. Há décadas, nos dedicamos a levar a riqueza da nossa cultura para o mundo. Ao unir essa experiência à escala global da Netflix, damos mais um passo para levar a criati-vidade brasileira a novas audiên-cias, ampliando a presença e for-talecendo o reconhecimento do audiovisual brasileiro no exterior.”

A parceria une a infraestru-tura global da Netflix — serviço de entretenimento com séries, filmes, jogos e eventos ao vivo em vários idiomas — à capilaridade da Globo, maior empresa de co-municação da América Latina, que conversa semanalmente com mais de 130 milhões de pessoas no Brasil. Presente no mercado internacional desde 1976, o con-teúdo da Globo já alcançou mais de 160 territórios, sendo traduzi-do para 70 idiomas e acumulando 18 vitórias no International Emmy e premiações no Oscar.



Benito di Paula enriqueceu a sonoridade do samba através de seu piano e tonou-se um artista de enorme alcance popular nos anos 1970 e 1980

Morre **Benito di Paula,** aos 84 anos

Benito di Paula morreu sem ver os 85 anos que a família já tinha começado a celebrar. Em 31 de julho, subiu ao palco da Casa Natura Musical, em São Paulo, para o espetáculo “Benito 85”, idealizado pelo filho Rodrigo Vellozo — na mesma noite foi lançado o disco que registrava a homenagem aos 85 anos que ele completaria em 28 de novembro e aos 70 anos de carreira. A noite reuniu música, memória e afeto em torno de sua história. Foi a última aparição pública. Neste domingo (18), por volta das 20h, ele morreu no Hospital 9 de Julho, em decorrência de um câncer de próstata contra o qual lutava havia aproximadamente um ano. Sentiu-se mal no fim da tarde; Rodrigo o levou ao hospital, mas não houve mais tempo.

O velório acontece nesta terça-feira (20), das 9h às 15h, no Theatro Municipal de São Paulo,

Cantor e compositor de ‘Retalhos de Cetim’, ‘Do Jeito Que a Vida Quer’ e outros sucessos vinha se tratando de câncer na próstata

aberto a fãs, amigos e admiradores. Às 17h, o sepultamento no Cemitério Morumbi será restrito aos familiares. Benito deixa os filhos Rodrigo e Thiago Vellozo e duas netas, filhas de Rodrigo.

Benito di Paula era o nome artístico de Uday Veloso, nascido em 28 de novembro de 1941 em Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro. Filho de uma família musical, desenvolveu desde cedo a relação com os instrumentos e com a canção popular. Ainda jovem, começou como crooner em casas noturnas do Rio; depois vieram Santos e São Paulo, onde encontrou o ambiente decisivo para a carreira. Foi na noite paulistana que consolidou a identidade artística e conquis-

tou o público com uma maneira própria de cantar e tocar samba ao piano.

A projeção nacional veio no início dos anos 1970, com o contrato com a gravadora Copacabana e discos que rapidamente encontraram grande repercussão comercial. Em 1973, “Retalhos de Cetim” se transformou no maior marco da carreira: piano em primeiro plano, interpretação emotiva, melodia de forte apelo popular. A canção recebeu gravações de outros intérpretes, no Brasil e fora dele.

Vieram “Charlie Brown”, “Mulher Brasileira”, “Do Jeito Que a Vida Quer”, “Se Não For Amor”, “Vai Ficar na Saudade”, “Tudo Está no Seu Lugar”, “Ah,

Como Eu Amei” e “Proteção às Borboletas”, composições que combinavam romantismo, cotidiano, humor e crônica social.

Seu diferencial foi levar o piano para o território do samba. Benito construiu uma estética em que o teclado harmônico conduzia a interpretação e estabelecia uma relação particular com a voz. Os gestos eram expressivos, a presença cênica, intensa. Sua obra conversava com o samba tradicional, a canção romântica e o jazz sem abrir mão da comunicação direta com o ouvinte — combinação que o tornou fenômeno popular nos anos 1970 e 1980 e um dos artistas de maior identificação com o público do país.

Assinou parcerias com Chico Anysio, Adoniran Barbosa e Márcio Brandão, e também com os irmãos Jota, Ney e Ana Carolina Veloso. Suas canções foram gravadas por Roberto Carlos, Maria Bethânia e Alcione, e a circulação de “Retalhos de Cetim” entre intérpretes de gerações distintas.

Nos últimos anos, a renovação desse repertório passou pelo próprio filho. Com Rodrigo Vellozo, lançou o disco “O Infalível Zen”, em 2021, e atravessou o projeto “Benito 80: Novo Samba Sempre Novo”, que reuniu intérpretes de diferentes gerações em torno de suas canções. Em 2025, a escola de samba Águia de Ouro levou sua história e sua obra ao Carnaval de São Paulo.

Em mais de cinco décadas de carreira, Benito gravou dezenas de discos e manteve intacta a identificação com o público — a mesma que tomou a avenida em 2025 e a que faz suas canções serem cantadas hoje.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Aromas cariocas

O Rio também se fotografa pelo nariz. Basta fechar os olhos. A cidade aparece. Primeiro, o sal. Esse cheiro de mar que chega sem pedir licença, invade a orla, passeia pelas calçadas de Ipanema e deixa na pele uma lembrança de maresia. Mistura-se ao protetor solar, à areia quente, ao mate gelado e ao biscoito de polvilho. Cheiro de verão. Mesmo quando o calendário diz inverno.

Há um Rio que desperta pelo aroma. Nas primeiras horas da manhã, o orvalho ainda repousa sobre as folhas. A terra úmida respira. Na Floresta da Tijuca, a Mata Atlântica exala seus perfumes escondidos: folhas molhadas, cascas, raízes, flores discretas. Um cheiro verde, profundo, quase ancestral. Ali, a cidade parece esquecer que existe asfalto. A floresta guarda um pedaço significativo da natureza brasileira dentro da metrópole. É sombra, frescor e vida. Uma imensa fotografia em tons de verde, revelada pela umidade da madrugada.

Mais abaixo, nas ruas, outros aromas anunciam o dia. O café recém-passado escapa das padarias. O pão quente perfuma a esquina. Há manteiga derretendo na chapa, queijo tostado, pão na chapa e o cheiro inconfundível do café com leite servido no balcão. O carioca pode até sair apressado, mas há aromas que conseguem fazê-lo parar.

Nas feiras livres, a cidade ganha tempero. Coentro, salsa, cebolinha. Pimentas. Alho. Gengibre. O perfume das ervas se mistura ao das frutas maduras. Laranjas abertas pelo sol, mangas doces, abacaxis recém-cortados. O cheiro da feira é colorido. Tem vermelho, amarelo, verde. É como se a natureza tivesse decidido fazer uma exposição a céu aberto, sem molduras nem paredes.

Entre uma barraca e outra, a memória também circula. O pastel fritando no óleo quente. O caldo de cana moído na hora. O peixe fresco. A conversa do feirante. Tudo se mistura numa alquimia que não cabe em laboratório. É cheiro de rua. De gente. De cidade viva.

E há o perfume dos almoços cariocas. O alho dourendo na panela. O feijão que cozinha devagar. O arroz soltinho. A couve refogada. A farofa. A laranja cortada para acompanhar a feijoada de sábado. Nos quintais e nas cozinhas, o cheiro atravessa janelas e corredores, desperta apetites e convoca lembranças. Há aromas que alimentam antes mesmo da primeira garfada.

À tarde, o vento muda. Traz o perfume das amendoas, das mangueiras, das flores escondidas nos jardins. Depois da chuva, o asfalto molhado ganha voz própria. A terra exala seu hálito antigo. As pedras da calçada parecem respirar. E a cidade, por alguns instantes, cheira a recomeço. No fim do dia, a brisa marinha volta a dominar a paisagem. Nos botequins, o aroma dos petiscos fritos mistura-se ao da cerveja gelada, do limão espremido, da conversa sem hora para acabar. Há alho, cebola, pimenta e cheiro de churrasquinho na calçada. O Rio noturno também se reconhece pelo nariz.

Talvez seja isso que torne a Cidade Maravilhosa tão inesquecível. Seus cheiros não ficam presos a um lugar. Viajam. Entram na memória. Reaparecem muitos anos depois, quando um café, uma fruta ou uma rajada de maresia nos devolve uma rua, uma pessoa, um instante. O fotógrafo guarda a luz. O cronista guarda as palavras. Mas há lembranças que dispensam imagens e frases. Basta um aroma. Porque o Rio tem cheiro de mar, de mata, de feira, de café, de chuva e de comida feita com afeto. Tem cheiro de natureza e de concreto. De manhã e de noite. De infância e de saudade. A Cidade Maravilhosa não se limita a ser vista. Ela se respira. E, quando seus aromas ficam guardados dentro da gente, o Rio continua presente. Mesmo longe do mar. Mesmo distante da floresta. Mesmo quando a vida nos leva para outras paisagens. Há cidades que a gente visita. O Rio, a gente inspira. E nunca mais esquece.

